

GESTÃO

O impacto do coronavírus foi para todos

A forma como gestores de diversos segmentos encaram a maior crise da atualidade serve de aprendizado para sociedade e empresas que operam em meio a adversidades

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Após mais de um ano vivendo à sombra do novo coronavírus, todos os setores da sociedade foram impactados. No Rio Grande do Sul, a virada de 2020 para 2021 trouxe esperança por conta da chegada

da vacina. A velocidade da aplicação das doses, no entanto, deixou as pessoas frustradas e, principalmente, desprotegidas, o que tornou os meses de março e abril caóticos.

A economia, como se sabe, desacelerou novamente. Muitas pessoas perderam empregos, marcas tradicionais faliram e reservas fi-

nanceiras esgotaram. Foi preciso coragem, persistência e muita criatividade para continuar operando – às vezes, com as portas abertas, às vezes, fechadas. Até as empresas que faturaram bem no período não puderam comemorar. Afinal, é uma situação de luto coletivo, estresse e imprevisibilidade constante.

Nesta reportagem, o caderno Marcas de Quem Decide dá voz a representantes dos mais diversos segmentos: saúde, educação, indústria, comércio e turismo. As impressões e reflexões dessas lideranças sobre o surto e sobre como agiram para manter os negócios de pé servem como registro histórico.

KARINE VIANA/DIVULGAÇÃO/JC



Parrini, do Moinhos de Vento: "missão é lidar com a 'Long Covid'"

Saúde

A área da saúde, obviamente, não teve escolha. Do dia para a noite, mudou a rotina hospitalar por conta do aumento do número de casos de Covid-19. Em alguns períodos, o sistema chegou a entrar em colapso, mas os profissionais, incansavelmente, buscaram formas de ajudar a população a enfrentar a pandemia.

Um dos hospitais referência no tratamento do coronavírus, o Moinhos de Vento, chegou a instalar um contêiner para o armazenamento de cadáveres. O superintendente executivo do local, Mohamed Parrini, reconhece a superação que todos vivem diariamente.

"A pandemia trouxe mais do que uma crise sanitária. Estamos lidando com crise econômica, crise social, crise política, crise humanitária. Um ano depois, não conhecemos bem esse vírus, não temos tratamento com comprovação científica, e o ritmo da vacinação ainda não é o ideal", avalia.

A missão da equipe, agora, é lidar com a "Long Covid", ou seja, sequelas e sintomas persistentes que podem provocar uma pandemia de incapacidade, pois afeta a população economicamente ativa. "Sem contar a demanda represada de pacientes com outras doenças. Os impactos vão além dos financeiros. Entendendo a gravidade da situação, tomamos medidas que reduziram a nossa receita, o que era esperado diante de uma pandemia sem precedentes", coloca Parrini.

O Hospital de Clínicas é outro destino das inúmeras ambulâncias que levam os pacientes que sofrem complicações. Conforme a diretora-presidente, Nadine Oliveira Clausell, a saúde foi a principal área atingida pela crise, o que impôs um desafio enorme a toda a sociedade, especialmente a quem atua na gestão das instituições.

"No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, tivemos a missão de estruturar e abrir 105 novos leitos de CTI e remanejar toda a atuação dos serviços e dos profissionais para atender à nova demanda trazida pelo coronavírus, sem esquecer de todas as outras doenças pelas quais nossa população, que depende do SUS, precisa de assistência", sintetiza ela.

Nadine ressalta o empenho dos profissionais e a dedicação de todos para fazer sempre o melhor no front, salvando vidas. "O desafio é continuar a ocupação gradual dos novos blocos, para os quais ainda necessitamos viabilizar recursos que permitam equipá-los", aponta Nadine.

HCPA/DIVULGAÇÃO/JC



Nadine, do Hospital de Clínicas: "abrimos 105 novos leitos de CTI"